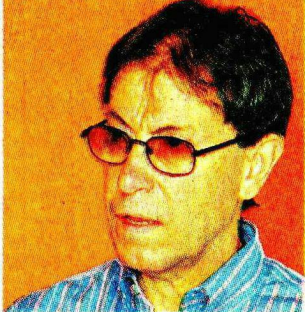


>> Palavra de especialista

Monique Renne/CB/D.A Press - 21/11/05



Só sensação de pânico

"No Brasil, os efeitos da crise não foram tão intensos. Embora muita gente critique as atitudes do governo, o fato de manter os gastos públicos, por exemplo, manteve a economia aquecida. Além disso, a ampliação considerável do crédito coincidiu com uma fase de desaceleração dos juros e permitiu que as pessoas continuassem a consumir. Brasília, no contexto brasileiro, sofreu ainda menos os efeitos dessa crise, exatamente porque o setor público domina a economia. Brasília depende muito da renda do servidor e, por isso, os padrões de consumo foram pouco abalados. O fato de a atividade industrial ter pouco peso em Brasília também contribuiu. Não vamos dizer que não se sentiu nada. A renda não caiu, mas o nível de emprego caiu. Houve uma sensação de pânico, um mal estar, uma preocupação, mas aqui foi, sim, de fato, uma marolinha".

Roberto Piscitelli,
economista e professor da
Universidade de Brasília (UnB)

>> Para saber mais

Largada foi há um ano

A crise começou oficialmente em 15 de setembro do ano passado, com a quebra do banco de investimentos Lehman Brothers. A partir de então, os principais grupos financeiros dos EUA e do mundo começaram a sentir os efeitos de um problema que começou no mercado imobiliário. Em 2006, o mercado já dava sinais de que estava saturado, com preços e estoques altos de casas, aliados a uma taxa de juros em forte ascensão. Logo veio o aumento da inadimplência e as instituições financeiras que compravam os títulos hipotecários começaram a ter problemas. Das empresas hipotecárias, a crise passou para os bancos, infiltrou-se no sistema financeiro e se espalhou por todos os setores da economia.